

O  
PARAHYBANO

01 DE NOVEMBRO  
DE 1892

N 203 A 220

Aqui, sobre a lago insculpida do mausuléo, repousa uma corôa do perpetuas, em qua a arte como quo pretendeu aperfeiçoar a dor de um magnate; ali a vista pêrde-se em contemplar o arnamento das catacumbas, guarnecidas de aquarellas; symbolisando, talvez fielmente, pelo esmaecimento ligeiro das tintas, a dor passageira de uma amante; apén, no esquecido anonymato da valla committit, vê-se o mais expressivo dos pretos rendidos a memoria de um morto: uma infinidade do cruzes toscamente erguidas sobre as leiras desoladas, **ennegrecidas** pelo tempo e lacerimejadas dos alvos pingos excrementosos das ostriges. Matizado aquella aridez do terra revoltada e vasequida as moitas vigasas das burlinas e mangreronas, soayvase pelo adubo da materia putrefacta.

— Meu pai não!

— Tu não! pela lei... Oh! que mal fiz em casar com elle, em casar essa dor e fazer esse ultrajo a Guy, teu p'osso! E' por isso, meu filho, por essa infidelidade a sua memoria, que tenho sido tão tragicamente infeliz! Mas não tive forças para resistir... Via-te crescer sem nome e sem fortuna... Via minha mãe infeliz... Eu mesmo ficava sem recursos com o sagrado dever de educar-te... O Marquez apresentou-se... Parecia honesto... Sabia de recursos, e de honra... Mas não tinha honra e recursos n'ill, em dar-te o seu nome... Minha mãe aconselhou-me que viesse-o... Um amigo que tinhamos, o dr. Dorland, amigo de teu pai, quiz ter pui, que chegara com o amigo de Guy, e tu, minha filha, não te desistias de te casar com esse homem, e tu, minha filha, por minha mãe e por ti, sobredito por ti... (Continua)

